

O DRAMA DA GEADA NOS CAFESAIS PAULISTAS

MONTEIRO LOBATO

Sob muitos aspectos, o ano de 1953 tem sido calamitoso para o nosso país: iniciou-se com uma sêca flageladora no Nordeste; assistiu, logo a seguir, a uma excepcional inundação do rio Amazonas; em julho, castigou lamentavelmente com a geada os cafezais paulistas e paranaenses. Por isso mesmo, nos dois números anteriores do Boletim Paulista de Geografia reproduzimos páginas fortes e expressivas sobre os flagelos que costumam atingir o sertão do Nordeste e a Amazônia; e, no presente número, vamos oferecer páginas não menos fortes e expressivas, escritas por MONTEIRO LOBATO, a propósito da geada de 1918, que foi tão devastadora como a que se registrou no inverno do corrente ano.

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas, o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela bôca.

Frio. Frio de geada, dêsses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Sairamos cedo a ver cafezais, e ali parámos, no viso do espigão, ponto mais alto da fazenda. Sobrando o joelho sobre a cabeça do socado, o major voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse num gesto largo:

— “Tudo obra minha, veja!”

Vi. Vi e compreendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso também de tal patricio. Aquêlê desbravador de sertões era uma fôrça criadora, dessas que enobrecem a raça humana.

— “Quando adquiri esta gleba, disse êle, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Recei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café — fiz tudo. Trabalhei como negro cativo, durante quatro anos. Mas venci. A fazenda está formada, veja.”

Vi. Vi o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha! Era um exército em pé de guerra. Mas, bisonho ainda. Só no ano

vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros frutos não passavam de escaramuças de colheita. É o major, chefe supremo do verde exército por êle criado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha o olhar orgulhoso dum pai diante de filhos que não mentem à estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Cada fazenda é uma vitória sobre a fôrça retrátil dos elementos brutos, coligados na defesa da virgindade agredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas muita epopéia há por aí que não vale a destes heróis do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é façanha formidável. Alterar a ordem da natureza, vencê-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as fôrças de acôrdo com um plano pré-estabelecido, dominar a réplica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a fôrça das pragas... — batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é pior, sem a certeza plena da vitória. Colhe-a muitas vezes o credor, um onzeneiro que adiantou um capital caríssimo e ficou a seu salvo na cidade, de côcoras num título de hipoteca, espiando o momento oportuno para cair sobre a presa como um gavião.

— “Realmente, major, isto é de enfiar o peito! É diante de espetáculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fóra, comodamente, parasitam o trabalho do agricultor.”

— “Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um sócio voraz que me lambe, êle só, um quarto da produção: o govêrno. Sangram-na depois as estradas de ferro — mas destas não me queixo, porque dão muita coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do comércio, êsse cardume de intermediários que começa ali em Santos, no zangão, e vai numa cadeia até o torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a bêsta do produtor...” concluiu, pilheriando.

Tocamos os animais a passo, com os olhos sempre prêsos ao cafetal intermimo. Sem um defeito de formação, as paralelas de verdura ondevam, acompanhando o relêvo do solo, até se confundirem ao longe em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que, sobrepondo-se à natureza, o homem lhe impunha o ritmo da simetria.

— “No entanto, continuou o major, a batalha ainda não está ganha. Contraí dívidas; a fazenda está hipotecada a judeus franceses. Não venham colheitas fartas e serci mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe: mas o credor é sempre carrasco...”

*

*Da natureza q ser
subjugada*

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres árvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas à vida em comum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas prisioneiras à cola de um carro de triunfo! Órfãs da mata nativa, como não hão de chorar o conchêgo de outrora? Vêde-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotêsco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em público, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordôa, o excesso de luz as martiriza — afeitas que estavam ao espaço confinado e à penumbra sonolenta do "habitat".

Fazendeiros desalmados — não deixeis nunca árvores pelo cafésal... Cortai-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma árvore a ser grotêsca.

— "Aquela perobeira ali, disse o major, ficou para assinalar o ponto de partida dêste talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um baiano valente que morreu ao pé dela estrepado numa jissara..."

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquelas paragens.

— "Como tudo aqui lhe há-de falar à memória, major!"

— "É isso mesmo. Tudo me fala à recordação. Cada tóco de pau, cada pedreira, cada volta de caminho tem uma história que sei, trágica às vêzes, como essa da peroba, às vêzes cômica — pitoresca sempre. Ali... — está vendo aquêlo tóco de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigára-me num rancho coberto de sapé, e lá em silêncio esperávamos, eu e a turma, o fim do dilúvio, quando estalou um raio quase em cima das nossas cabeças."

— "Fim do mundo, patrão!" lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... E parecia!... Mas foi apenas o fim de um velho coqueiro, do qual resta hoje — *sic transit*... êsse pobre tóco... Cessada a chuva, encontrámo-lo desfeito em ripas."

Mais adiante abria-se a terra em loçoróca vermelha, esbarronhada em coleios até morrer no córrego. O major apontou-a, dizendo:

— "Cenário do primeiro crime cometido na fazenda. Rabo de sáia, já se sabe. Nas cidades e na roça, pinga e sáia são o móvel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correição. E a sáia, muito contente da vida, mora com o *tertius*. A história de sempre."

E assim, de evocação em evocação às sugestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos à casa de moradia, onde nós esperava o almoço. Almoçamos, e não sei se por bôa disposição criada pelo

passeio matutino ou por mérito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me na memória gravado para sempre. Não sou poeta, mas se Apolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natércias hei-de fazer uma beleza de ode à linguiça com angú de fubá vermelho desse almoço sem par, única saudade gustativa com que descerei ao túmulo...

Em seguida, enquanto o major atendia à correspondência, saí a espaiar pelo terreiro, onde me puz de conversa com o administrador. Soube por êle da hipoteca que pesava sobre a fazenda e da possibilidade de outro, não • major, vir a colher o fruto do penoso trabalho.

— “Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada, daquelas que não vêm mais.”

— “Que não vêm mais, por que?”

— “Porque a última geada foi em 1895. Daí para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguém plantava café onde o plantamos hoje. Era só de meio morro acima. Agora não. Viu aquêlé cafetal do meio? Terra bem baixa; no entanto, se bate geada ali é sempre coisinha — um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a dívida e fica o fazendeiro mais “prepotente” do município.”

— “Assim seja, que grandemente o merece”, rematei.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõesinhos e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a última demão de tinta. Por que será que as pintam sempre de verde? Incapaz por mim de solver o problema, interpelei o preto, que não se embarçou e respondeu sorrindo:

— “Pois veneziana é verde como o céu é azul. É da natureza dela...”

Aceitei a teoria e entrei.

*

À mesa a conversa girou em torno da geada.

— “É o mês perigoso êste, disse o major. O mês da aflição. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta época. A geada é um eterno pesadelo. Felizmente a geada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas, apesar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe!...”

Seu olhar mergulhou pela janela, numa sondagem profunda ao céu límpido.

— “Hoje, por exemplo, está com jeito. Este frio fino, este ar parado...”

Ficou a cismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— “Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está gravado no livro do destino.”

— “Livra-te dos ares!...” objetei.

— “Cristo não entendia de lavoura”, replicou o fazendeiro sorrindo.

E a geada veio! Não geadinha mansa de todos os anos, mas calamitosa, geada cíclica, trazida em ondas do sul.

O Sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caíra sem preâmbulos.

Deitei-me cedo, batendo o queixo, e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que ferrasse no sono. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada. Sentindo-me enregelado, com os pés a doerem ergui-me para um exercício violento. Fui para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espetáculo! Brancuras por toda a parte. Chão, árvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atalhado branco. As árvores imóveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Águas envidradas. As roupas dos vaiaes, tésas, como endurecidas em goma forte. As palhas do terreiro, os sabugos de ao pé do côcho, a telha dos muros, o tópo dos moirões, a vara das cêrcas, o rebordo das tábuas — tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um saco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariável que é a nossa paisagem, sempre nos mesmos tons o ano inteiro, encantava sobremodo vê-la de súbito mudar, e vestir-se dum esplendoroso véu de neve — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da cena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado pela esponja de ouro do Sol. Já pelos topos e faces de hattedeira andavam-lhe os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas noruegas ou sítios sombreados pelas árvores, é que a brancura persistia ainda, contrastando sua nítida frialdade com os tons quentes ressurrectos. Vencera a vida, guiada

pelo Sol. Mas a intervenção do feroso Febo, apressada demais, transformara em desastre horroroso a nevada daquele ano — a maior de quantas deixaram marca nas embaúbeiras de São Paulo.

A ressurreição do verde fôra aparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda parte, a vestimenta do solo seria um burel imenso, com a sépia a mostrar a gama inteira dos seus tons ressecos. Pontilha-lo-ia apenas, cá e lá, o verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino semvergonha da vassourinha.

Quando regresssei, Sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grandes catástrofes. Só cratão me acudiu que o belo espetáculo que eu até ali só encarara pelo prisma estético tinha um reverso trágico: a ruína do heroico fazendeiro. E procurei-o, ansioso.

Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janela e lá permanecera imóvel, observando o céu através dos vidros. Depois saíra sem ao menos pedir o café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas e nada — a família entrou-se em apreensões.

Meio-dia. Uma hora, duas, três — e nada.

O administrador, que a mandado da mulher saíra a procurá-lo, voltou à tarde sem notícias.

— “Batí, tudo, e nem rasto. Estou com medo dalguma coisa... Vou espalhar gente por aí, à cata.”

D. Ana, inquieta, de mãos enclavinadas, só dizia uma coisa:

— “Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...”

Puz-me em campo também, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direções — inutilmente.

Caiu a tarde. Caiu a noite — a noite mais lúgubre de minha vida — noite de desgraça e aflição.

Não dormi. Impossível conciliar o sono naquele ambiente de dor, sacudido de choro e soluços.

Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo.

Rompeu a manhã, glacial como a da véspera. Tudo apareceu geado novamente.

Veio o Sol. Repetiu-se a mutação da cena. Esvaiu-se a alvura, e o verde torrado da vegetação envolveu a paisagem num sudário de desalento.

Em casa repetiu-se o corre-corre do dia anterior — o mesmo vai-e-vem, o mesmo “quem sabe?”, as mesmas pesquisas inúteis.

À tarde, porém — três horas — um camarada apareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— “Encontrei! Está perto da boçoróca!...”

— “Vivo?” perguntou o capataz.

— “Vivo, sim, mas...”

D. Ana surgiu à porta e ao ouvir a boa nova exclamou, chorando e sorrindo:

— “Bendito sejas, meu Deus!...”

Minutos depois partimos todos de rumo à boçoróca e a cem passos dela avistamos um vulto às voltas com os caféiros requeimados. Aproximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em tiras, cabelos sujos de terra, olhos vítreos e desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e uma brocha — brocha do pinter que andava a olear as venezianas. Compreendi o latido dos cães à noite...

O major não se deu conta da nossa chegada. Não interrompeu o serviço: continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezianas, as folhas requeimadas do cafetal morto...

D. Ana, estarecida, entreparou atônita. Depois, compreendendo a tragédia, rompeu em choro convulso.

(Transcrito da obra *Urupês, outros contos e coisas*. “edição ônibus”, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1943 — págs. 261 a 267).